



Imagem gerada por IA (Midjourney) a partir dos termos: Collage art, simple art, difference, multiplicity, singularity, surrealism, landscape, clotheless bodies

MANGUE: UM RIZOMA SUPERIOR?

Homero Pereira de Oliveira Junior  [0000-0003-2398-1641](https://orcid.org/0000-0003-2398-1641)

Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, GO, Brasil

Domenico Uhng Hur  [0000-0002-6766-7024](https://orcid.org/0000-0002-6766-7024)

Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, GO, Brasil

Resumo

O objetivo deste artigo é problematizar o mangue em relação ao conceito de rizoma para a esquizoanálise. Com uma perspectiva contracolonial, investigamos o mangue e nos servimos de seu referencial ecológico para cartografar e elaborar alguns de seus princípios de efetuação, hipotetizando um potencial intensivo *superior* ao rizoma. Como método, realizamos uma pesquisa teórica, em uma espécie de cartografia bibliográfica, sobre artigos que versam sobre o mangue, articulando-os ao arcabouço teórico-metodológico da esquizoanálise de Deleuze e Guattari. Como resultados, encontramos no mangue não apenas os princípios de conexão, heterogeneidade, multiplicidade, ruptura a-significante, cartografia e decalcomania, mas também outros dois que elaboramos: os princípios da *envoltura do fora* e da *produção de vida*. O mangue traz uma envoltura para uma ligação aberta entre ecossistemas, assim como a partir da morte, putrefação e decomposição vai gerar um caldeirão de novas vidas, num *devir-vida*. Essa análise alarga nossa compreensão do rizoma e sua efetuação em diferentes contextos, enfatizando a importância de trabalhar conceitos e potencializar uma perspectiva contracolonial da esquizoanálise, realçando um horizonte local, cotidiano e territorial brasileiro.

Palavras-chave

Esquizoanálise, esquizoanálise contracolonial, rizoma, mangue.

MANGROVE: A SUPERIOR RHIZOME?

Abstract

The aim of this article is to problematize the mangrove in relation to the schizoanalytic concept of rhizome. From a countercolonial perspective, we investigated the mangrove and used its ecological reference to map and elaborate some of its principles of effectuation, hypothesizing an intensive potential *superior* to the rhizome. As a method, we carried out theoretical research, in a kind of bibliographic cartography, on articles about the mangrove, linking it to the theoretical-methodological framework of Deleuze and Guattari's schizoanalysis. As a result, we found in the mangrove not only the principles of connection, heterogeneity, multiplicity, a-signifying rupture, cartography and decalcomania, but also two others that we elaborated: the principles of *enveloping the outside* and the *production of life*. The mangrove provides an envelope for an open connection between ecosystems, just as from death, putrefaction and decomposition it will generate a cauldron of new lives, in a *becoming-life*. This analysis broadens our understanding of the rhizome and its effectuation in different contexts, emphasizing the importance of working with concepts and enhancing a counter-colonial perspective of schizoanalysis, highlighting a local, everyday, and territorial Brazilian horizon.

Keywords

Schizoanalysis, Countercolonial schizoanalysis, Rhizome, Mangrove.

Submetido em: 31/03/2024

Aceito em: 23/07/2024

Como citar: OLIVEIRA JUNIOR, Homero Pereira de; HUR, Domenico Uhng. Mangue: um rizoma superior? *(des)troços: revista de pensamento radical*. Belo Horizonte, v. 5, n. 1, p. e51947, jan./jun. 2024.



Este trabalho está licenciado sob uma licença [Creative Commons Attribution 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Introdução

Sabe-se que as Ciências humanas brasileiras, na maioria dos casos, ainda sofrem uma grande colonização europeia. Os pensadores franceses, ingleses e alemães possuem uma grande influência em nossa formação, em que muitas vezes nossas pesquisas se debruçam numa cuidadosa, e obsessiva, compreensão de seus enunciados. Michel Foucault chegou a categorizar o antigo departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo como a sede ultramar da Universidade de Sorbonne,¹ bem como seu grupo denominava o filósofo Roberto Machado como o discípulo brasileiro de Foucault.² Nesse sentido, corremos o risco de reduzir o pensamento à reprodução do instituído, em que nos preocupamos mais em realizar uma esmerada reprodução do que está escrito, dos sistemas teóricos, do que nos debruçar em utilizar tais teorias como caixas de ferramentas para a análise dos nossos desafios enfrentados no contemporâneo.³ Disso, pode resultar que o pensamento perca parte de sua potência instituinte e se converta em dogma, ou em uma *doxa*.⁴

A principal contribuição da obra de Gilles Deleuze e Félix Guattari, conhecida como esquizoanálise, corre o mesmo risco de dogmatização. Por ser muito volumosa, com cerca de sessenta livros publicados apenas pelos dois autores,⁵ extremamente complexa e fascinante, muitos dos seus estudiosos investem mais tempo em compreendê-la, do que operá-la. O próprio Félix Guattari criticava essa postura de alguns seguidores de Deleuze, que passavam a adotar um linguajar, quase como se fosse uma espécie de dialeto, em que os conceitos deveriam ser reproduzidos com a maior precisão possível.⁶ Resulta-se que muitos pesquisadores da esquizoanálise no Brasil também passam a reproduzir a literatura instituída de modo quase religioso. A reprodução se calca até mesmo nos exemplos que Deleuze e Guattari colocam em sua obra. Um dos exemplos que reproduzimos incessantemente em nossas aulas e textos é a utilização do gengibre para explicar a proposição de *rizoma*.⁷ O gengibre é um tubérculo bastante consumido na Europa e na gastronomia oriental, tendo menor presença na culinária brasileira.⁸ Assim, ao longo do tempo percebemos que se utilizamos outros exemplos para figurar a lógica das multiplicidades do rizoma, mais próximos de nossa realidade brasileira, logramos maior compreensão por parte dos alunos do que Deleuze e Guattari pretendem enunciar. Por exemplo, em um curso de esquizoanálise que ministramos na cidade de Campina Grande/PB, os presentes compreenderam a *ideia* de rizoma de modo mais conclusivo quando utilizamos como exemplos o cajueiro de Pirangi, o maior cajueiro do mundo que se situa na cidade de Parnamirim/RN, e principalmente ao nos referirmos ao mangue.

Dessa forma, a questão que colocamos é: por que não pensar conceitos esquizoanalíticos a partir de nosso contexto, de nossa territorialidade? Por que não agenciar, operacionalizar, tais ferramentas à nossa realidade vivida, de latino-

¹ Rodrigues, *Ensaio sobre Michel Foucault no Brasil*.

² Machado, *Impressões de Michel Foucault*.

³ Foucault; Deleuze, *Os intelectuais e o poder*.

⁴ Deleuze, *Diferença e Repetição*.

⁵ Barembliitt, *Esquizodrama*.

⁶ Guattari; Rolnik, *Micropolítica*.

⁷ Deleuze; Guattari, *Mil Platôs*.

⁸ Junior; Lemos, *Gengibre*.

americanos, brasileiros, colonizados e do terceiro mundo? A obra de Deleuze e Guattari não deve ser considerada sacra, pois, como eles próprios afirmam, o livro deve se agenciar ao mundo, deve efetuar toda sua potência pragmática.⁹

Deste modo, o objetivo deste artigo é problematizar o mangue em relação ao conceito de rizoma para a Esquizoanálise. Com uma perspectiva contracolônial, investigamos o mangue e nos servimos de seu referencial ecológico para cartografar e elaborar alguns de seus princípios de efetuação, hipotetizando um potencial intensivo *superior* ao rizoma.

Como método, realizamos uma pesquisa teórica, em uma espécie de cartografia bibliográfica sobre artigos que versam sobre o mangue,¹⁰ em campos distintos, como oceanografia, biologia, ecologia. Pinçamos algumas dessas características e as agenciamos ao arcabouço teórico-metodológico da esquizoanálise de Deleuze e Guattari.

Para tratar o mangue conceitualmente, utilizamos o mesmo método de análise operado por Deleuze e Guattari,¹¹ de analisar suas linhas, sua composição e agenciamentos. Operamos a partir da cartografia,¹² em que buscamos seguir as linhas e fluxos tracejados pelos movimentos do mangue. Trabalhamos um entendimento de suas linhas de forças que compõem a multiplicidade de territórios e produzem diversos níveis de conexão territorial e material.

Adicionamos que para a elaboração do presente estudo também realizamos de modo mais livre uma *cartografia ecosófica* que durou cerca de 12 meses cronológicos, em que vivemos e moramos ao lado/junto de um manguezal em um município de Pontal do Paraná, no litoral paranaense.¹³ Por mais que nosso exercício neste artigo seja mais teórico, nos abrimos com maior atenção às localidades e singularidades territoriais brasileiras junto a um entendimento da ecosofia de Félix Guattari para nos inspirar sobre o funcionamento do mangue.¹⁴

Estruturamos nossa reflexão neste artigo em que começamos com uma discussão das características básicas do rizoma, passamos aos movimentos do mangue e depois hipotetizamos como ele pode se constituir como um *rizoma superior*.

1. Rizoma: princípios de uma máquina de agenciamentos

O rizoma é um dos principais conceitos que veicula e conecta as bases do referencial teórico-metodológico da esquizoanálise. A Esquizoanálise é um campo de conhecimento teórico-filosófico oriundo de movimentos revolucionários no final da década de 1960 em Paris. Nos eventos político-sociais de Maio de 68 na França, houve uma eclosão de manifestações de trabalhadores e estudantes franceses que trouxeram

⁹ Deleuze; Guattari, *Mil Platôs*.

¹⁰ Hur, *Poder e potência em Deleuze*. Hur, *Esquizoanálise e Esquizodrama*. Donhauser; Bonamigo, *Cartografando a pesquisa bibliográfica*.

¹¹ Deleuze; Guattari, *Mil Platôs*.

¹² Passos; Kastrup; Escóssia, *Pistas do método da cartografia*.

¹³ O presente artigo é uma ramificação de uma pesquisa de Mestrado em Psicologia, intitulada *Esquizoanálise de corporeidades brasileiras: cartografias corporais em movimento-mangue*, de Homero Pereira de Oliveira Júnior, pela Universidade Federal de Goiás, realizada a partir de uma perspectiva da Esquizoanálise e Esquizodrama, orientada por Domenico Hur (Oliveira Jr, *Esquizoanálise de corporeidades brasileiras*).

¹⁴ Guattari, *As três ecologias*.

demandas que, à época, fomentaram o terreno de questões sobre diferentes modos de atuar politicamente. Uma atuação política que não deveria ser restrita ao partido e ao sindicato, mas que deveria estar propagada em inúmeros campos da vida e do desejo. A política assim tornava-se desejante, molecular, e tal perspectiva também influenciou o pensamento e produção de conhecimento da época, efetando uma corrente de transição de paradigmas tanto no âmbito político, como nos campos de saberes. A esquizoanálise é considerada como uma das principais correntes de pensamento que expressa a insurgência do Maio de 68, considerando que algumas correntes teóricas que estudaram esse acontecimento não conseguiram se afetar e transformar-se por ele, tal como René Kaës critica a Psicossociologia francesa.¹⁵

Entre diversos aspectos que poderíamos destacar da esquizoanálise, citamos sua relação transversal que articula filosofia, arte, literatura, política, antropologia, psicologia, cinema, e outros campos epistemológicos, e a emergência de uma referência metodológica cartográfica e intensiva,¹⁶ para além de modelos científicos que delimitam fronteiras significantes e estruturalistas.

Deleuze ao longo de sua obra critica o estruturalismo, o primado da síntese e do identitário, optando por pensar as diferenças, os desvios e as multiplicidades.¹⁷ Critica as matrizes de pensamento que adotam o primado da identidade, bem como da estrutura, preferindo pensar os fluxos e a duração.¹⁸ Nesse sentido, Deleuze e Guattari denunciam o pensamento que toma as coisas estruturadas e consolidadas numa lógica arborescente, enraizada, com um tronco comum e suas ramificações, da ponta da raiz às últimas folhas de uma árvore. Tal estruturação reduz a complexidade do real, atualizando um movimento bivalente, que dualiza pontos a partir de uma base-pivô, funcionando por parâmetros que consideram suas antíteses contraditórias. Utilizar a figuração da árvore é um modo de reduzir o pensamento e o real a formas codificadas.

Na contramão desse mecanismo operatório de redução das multiplicidades em uma estrutura ordenada e organizada, Deleuze e Guattari optam pela figura do *rizoma*. Por um método de efetuação extraído de referenciais da biologia botânica, o rizoma realça uma proposição que não apenas expressa uma diversidade de planos, mas é a figura que expressa diretamente a lógica das multiplicidades e expressa a relação potencial de produção em incontáveis meios e planos convergentes e divergentes. Utilizam a figura do gengibre, que se trata de um tubérculo que figura uma propagação *esquizo*, assumindo relações de multiplicidade conectiva, reprodutiva, produtiva. Atualiza a própria lógica do que é o pensar, do movimento de corrosão que não se reduz à imagem do pensamento,¹⁹ isto é, o pensar sem imagens, que corrói as figuras ordenadas e sintéticas, tal como a árvore.²⁰ Nesse sentido, Deleuze e Guattari utilizam uma perspectiva rizomática pragmática, uma pop-análise, numa práxis transdisciplinar para além dos modelos radiculares hegemônicos, estruturalistas e dialéticos.

Em sua proposição, o rizoma é considerado a partir de seis princípios básicos. De modo breve, esses princípios consignam que:

¹⁵ Kaës, *Soixante Huit*.

¹⁶ Hur, *Cartografia das intensidades*.

¹⁷ Deleuze, *Diferença e Repetição*.

¹⁸ Deleuze, *O bergsonismo*.

¹⁹ Deleuze, *Diferença e Repetição*.

²⁰ Hur, *Psicologia, Política e Esquizoanálise*.

1- Princípio de conexão: o rizoma é expressividade conectiva, não se reduz a uma conexão do 1+1, ou do *mais 1* do cartel lacaniano, ou a um modelo de pontos que se ligam e se desconectam por uma lógica de raiz, a partir de um pivô, ou algum parâmetro dicotômico. A conexão rizomática acontece em planos e espaços desiguais, que não se somam ou se subtraem necessariamente por uma lógica de unidade, mas em outro modo – em uma lógica complexa e de contingência, da multiplicidade e do $n - 1$. Em outras palavras, há uma operação de extração, uma sacada da unidade em si: onde se espera uma unidade há já uma des-unidade, como um despetalar de uma "unidade-flor", na qual a flor, enquanto suposta unidade, não é ou deixa de sê-la sem uma pétala que se desfaz, já sendo outra coisa. $N-1$, portanto, *Flor* – pétala; ou, *pétala* – flor.

2- Princípio de heterogeneidade: o rizoma envolve uma compreensão heterogênea e, portanto, não se reduz a uma totalidade ou algum tipo de hegemonia. O rizoma conecta distintos elementos sem que haja um princípio de homogeneidade. Sua conectividade envolve planos heterogêneos e produção de diferença, apesar da existência de conexões reprodutivas e mais moduladas. Por exemplo, a Língua refere-se a uma realidade essencialmente heterogênea. Se tomamos o Brasil, seus distintos sotaques e línguas, nos deparamos com um universo amplo e heterogêneo. Seja o português, o tupi, a língua xavante, as sonoridades dos distintos sotaques, o d e o t proferido pelo paulista, que é diferente do nordestino, as frases mais cantadas do sotaque gaúcho etc. Entretanto Deleuze e Guattari nos ensinam que há um ponto S da linguagem (a gramaticalidade de Chomsky), que figura como um marcador de poder. As relações de poder tendem a operar esses processos de sobrecodificação de uma linguagem sobre outra, que expressam relações verticais de poder, como os processos de captura e colonização de um país sobre outro, sejam presentes ou passados (Japão sobre Coréia; Espanha sobre Catalunha; União Soviética sobre países bálticos, etc.). Não há língua mãe, mas sim tomada de poder.

3- Princípio de Multiplicidade: no rizoma não há unidades de medidas, mas multiplicidades, variedades de medidas e linhas de fuga. As multiplicidades podem se distinguir em dois tipos, as multiplicidades discretas, ou aritméticas, e as multiplicidades contínuas, que se referem mais à duração bergsoniana –²¹ considerando, assim, planos de tempo e espaço que não necessariamente são os "mesmos", relacionando dimensões distintas em condições que realizam uma relação quantitativa indeterminada do tempo corrido, e do espaço atravessado. Nesse caso, a vastidão do rizoma trata-se mais da propagação das multiplicidades contínuas. Não se trata de uma métrica identificável, ou uma temporalidade cronológica, mas sim em vetores, relações de longitude e latitude, em termos de coordenadas possíveis: mil platôs, a multiplicidade de planos e zonas de intensidade, de espaços-tempos de efetuação de coordenadas que se entrelaçam e inter cruzam, simultaneamente. Mais *Aion* que *Cronos*.²² Rizoma é multiplicidade de conexões/desconexões, de relações em relação de relações.

4- Princípio de ruptura a-significante: o rizoma pode ser quebrado em qualquer lugar, independe do significante. Suas rupturas não são localizáveis ou significantes, se o tomamos como uma multidão ou, mesmo uma espécie de formigueiro. Disso, resulta que também pode conectar elementos distintos, numa composição entre heterogêneos, sem

²¹ Deleuze, *O bergsonismo*.

²² Deleuze, *A Lógica do sentido*. Aion e Cronos são denominações gregas e modos de conceituar o tempo. A temporalidade do tempo de Aion diz respeito a um tempo ilimitado, não delimitado ou quantificável. Cronos diz sobre um tempo cronológico, registrado, organizado em determinado parâmetro quantificável.

que haja uma relação vertical e hierárquica entre os elementos díspares. Tal como o exemplo da relação de *sexualidade perversa* entre a vespa e a orquídea.²³ Há toda uma evolução a-paralela entre heterogêneos, um processo de involução, que de forma alguma é regressivo. Não há pontas ou estruturas genealógicas em seus princípios, nem começo nem fim.

5- Princípio de cartografia: um rizoma não está posto, pré-moldado e formatado, portanto, mapeado. Um rizoma "não pode ser "justificado por nenhum modelo estrutural ou gerativo".²⁴ Seu princípio é cartográfico, é muito mais um mapa, é aberto, constrói: constitui um sistema aberto com múltiplas entradas, produzindo uma conexão e composição com o real. É um livro-mundo que se agencia, que compõe com o real, e não um mapa que representa a realidade. Mais do que ligar e alinhar pontos e linhas, para se reproduzir espaços estriados, o rizoma compõe conexões: a composição relaciona outros planos de conexão, dos quais não se delimitam origem ou propriedade originária temporal, tampouco espacial.

6- Princípio de decalcomania: o rizoma não é decalque, reprodução, redução. Não é decomponível em constantes imediatas. Pois a árvore é um calco do real. Tal como a psicanálise, que bloqueia/achata o desejo no rosto da família. Ao invés de uma cartografia, produz uma decalcomania. Decalca os processos intensivos no triângulo familiar, que por sua vez, é uma correia de transmissão do Estado e do Capital. Neste triângulo há sempre um chefe que deve ser respeitado, um desejo que deve ser interdito. A psicanálise reduz todos os processos à árvore, é eminentemente hierárquica. Mas a esquizoanálise propõe o contrário, o inconsciente não se estrutura como uma linguagem, nem está na égide do Estado-pai, mas é muito mais um sistema a-centrado. Neste platô, Deleuze e Guattari estabelecem uma série de comparações para distinguir uma lógica arborescente da rizomática, por exemplo do Ocidente vs oriente, Árvore vs erva, Burocracia ocidental vs burocracia oriental, que nos traz outra materialidade do real, multiplicitária e em variação contínua.

Em síntese, o rizoma conecta um ponto qualquer com qualquer outro. É feito de dimensões (direções movediças) e não de unidades. Não tem começo nem fim, mas meio. Efeito, produção e produto de linhas. É uma anti-genealogia e uma anti-memória, que prega mais o esquecimento do que a rememoração insistente e perpétua. É uma cartografia e não representação. É um sistema aberto, e não fechado, que tem múltiplas entradas e saídas. É um sistema a-centrado, não hierárquico e não significativo, no qual se compreende que são os decalques que precisam se referir ao mapa e não o inverso.

2. Mangue: um rizoma superior?

Os manguezais compõem um ecossistema de transição, costeiro, tropical e subtropical. São encontrados principalmente entre os trópicos de Câncer e Capricórnio,

²³ "Os devires não são fenômenos de imitação, nem de assimilação, mas de dupla captura, de evolução não paralela, núpcias entre dois reinos (...) A vespa e a orquídea são o exemplo. A orquídea parece formar uma imagem da vespa, mas de fato há um devir-vespa da orquídea, um devir-orquídea da vespa, uma dupla captura (...) A vespa torna-se parte do aparelho de reprodução da orquídea, ao mesmo tempo que a orquídea torna-se órgão sexual para a vespa" (Deleuze; Parnet, *Diálogos*, p. 10).

²⁴ Deleuze; Guattari, *Mil Platôs*, p. 20.

da região do Panamá, América Central, ao Chuí, no Rio Grande do Sul, como também em algumas outras regiões do mundo. No Brasil, os manguezais amazônicos formam enormes florestas com árvores que podem atingir até 30m de altura.²⁵

As regiões Norte e Nordeste do país comportam grandes sistemas de manguezais, tendo o maior cinturão de mangues do planeta: entre os Estados do Pará e Maranhão, há aproximadamente 680 km de costa, cerca de 8 mil km² de extensão e área de manguezal, o que corresponde a 80% dos mangues de todo o território brasileiro. Há também grandes florestas de mangue no mundo, como os Sunderbans, abrangendo Índia e Bangladesh.

Os manguezais estão entre os ecossistemas mais ameaçados do planeta. Fato que é preocupante, pois são considerados berçários da vida marinha e terrestre. Formações transitórias, elos de recepção e exportação ambiental recebendo águas, retendo nutrientes, trocando, transmutando, envolvendo conexões diversas. E não são “os mesmos” ou iguais, mas se distinguem localmente, por variações que acompanham especificidades regionais, por uma proliferação de sulcos e variações *sinápticas* de irrigação e transmissão em rede aberta. Entretanto, é importante dizer que o mangue em si se distingue dos manguezais, em termo que diferencia o ecossistema em particularidades regionais. Os mangues são as espécies vegetais, multiplicárias, que compõem os manguezais, por sua enorme abundância em materiais orgânicos em vasta ligação. Compreende-se por manguezais a expressão do conjunto das formações de mangues que existem, como uma diferenciação do ecossistema. Destaca-se três principais espécies de mangue brasileiras: o mangue-vermelho (*Rhizophora mangle*), o mangue branco (*Laguncularia racemosa*), e o mangue preto ou siriúba (*Avicennia schaueriana*).²⁶

O mangue envolve uma interface terrestre e marinha, e tem como característica principal sua relação de dependência das marés.²⁷ A oscilação das marés dos oceanos sofre influências de energia/forças cinéticas e termodinâmicas,²⁸ da energia de rotação da Terra e dos processos físicos que formam as correntes de ventos, assim como interferências da Lua, em suas fases, que fomentam forças gravitacionais. Essas forças gravitacionais atuam em agenciamento com outras variáveis, o que intensifica o grau de algumas camadas dos planos que compõem os manguezais, seus fluxos de forças.

É esse aspecto que destaca a multiplicidade da intensidade relacional mencionada referente ao mangue: as forças das águas que chegam aos mangues, os encontros das águas dos rios com as do oceano, que envolvem uma maior ou menor salinidade, acidez/ph, numa vastidão de vida marinha, anfíbia, terrestre. O mangue compõe um estuário (encontro de águas doce com águas do mar), território de encontro de territórios, de transição, de borda. Uma relação de encontro de águas que expressam múltiplas relações de forças terrestres e marinhas, a partir dos efeitos gravitacionais da Lua, numa complexidade que envolve forças humanas e não-humanas em composição e decomposição incessante. Planos de imanência em multiplicidade e coexistência, em

²⁵ “Existem cerca de 80 espécies diferentes de árvores de mangue. Todas essas árvores crescem em áreas de solos encharcados, onde águas lentas permitem que sedimentos finos se acumulem. Nesses ambientes, os manguezais sequestram quantidades significativas de carbono, armazenadas por séculos.” (Pinheiro, *Conheça os manguezais da Amazônia*).

²⁶ Varela, “*Uma dádiva das marés*”.

²⁷ Schaeffer-Novelli, *Manguezal*.

²⁸ No campo da Física: trabalho é transferência de energia, e corpos em movimento produzem energia cinética. De modo que o trabalho termodinâmico é a troca de energia entre dois sistemas termodinâmicos em razão da movimentação de suas fronteiras – da energia entre essas fronteiras.

relação, implicação e amplificação – Oceanos em sua superfície e profundidades, rios em sua superfície e profundidades, regiões costeiras recebendo superfícies e profundidades, mesclando e trocando, assim, planos de imanência, relacionando massa de ar atmosférico, alternando e afetando cineticamente suas correntes junto a outros fenômenos. Implicados e amplificados por ações e forças de múltiplos níveis.

O rizoma nos serve como valioso conceito referencial para sairmos das dimensões de lógica binária, dos pontos em síntese e antítese e dos pivôs que sustentam o acompanhamento metodológico arborescente. Consideramos que o mangue apresenta os mesmos princípios do rizoma dispostos por Deleuze e Guattari.²⁹ Mas em termos materiais, em sua dimensão ecológica, conjecturamos que o mangue pode trazer mais alguns aspectos exponencialmente sensíveis e potentes para o rizoma, que vai além dos princípios de conexão, heterogeneidade, multiplicidade, ruptura a-significante, cartografia e decalcomania como propuseram Deleuze e Guattari.³⁰ Nesse sentido, cartografamos convergências do funcionamento entre o rizoma e o mangue, principalmente no que tange a uma perspectiva da multiplicidade.

Consideramos que o mangue expressa a conectividade e intensividade rizomática que compõe os manguezais, da qual destacamos sua localização epidérmica, as superfícies, como membranas de camadas de pele dos continentes mundo afora, com suas raízes aéreas e expostas em contato e troca, que expressam meios e vias porosas de ligações moleculares, microscópicas, globais. Suas raízes aéreas emergem do solo em grande quantidade, fixando e eliminando gases e substratos em um solo instável e constantemente alagado. Mas ao longo dos desdobramentos dos processos de nossa pesquisa, conjecturamos que o mangue pode ser ainda mais potente em multiplicidade, mais conectivo, mais rizomático que o próprio rizoma. O mangue é, como rizoma, devir, meio, relação, conectividade, multiplicidade. Mas, além, em aumento intensivo da conectividade, das misturas de zonas de intensidades, dos agenciamentos da singularidade de platôs: por rios que irrigam e interligam águas pelo interior continental, às águas oceânicas que vascularizam a imensidão de mundos em latitude e altitude. Localmente, regionalmente, ramificam chuvas que trazem as águas dos céus que permeiam relações que compõe ar, água, terra, desde a formação de sua lama. O mangue não conecta um “tudo” ou alguma totalidade, mas cria uma zona de vizinhança em multiplicidade, em potencial de relação e em relação potencial. É germinação, terminação, efetuação, realidade material e imaterial, virtual e atual. Envolve, implica e corresponde agenciamentos de forças a nível molar, molecular, local, global.

Inspirados pelo funcionamento do mangue, além dos 6 princípios rizomáticos ensinados por Deleuze e Guattari, propomos outros 2 princípios que fazem do mangue uma espécie de “rizoma superior”.

7- Princípio do envolvimento: destacamos a relação de *envolvimento do mangue* como um sétimo princípio do rizoma. Mais do que conectar, agenciar e multiplicar relações, o mangue envolve. Envolvimento é uma qualidade de agenciamento que designamos aqui a partir de um tipo de conectividade que implica atômica e molecularmente a molécula daquilo que se afeta, embrulhando heterogeneidades que se aproximam e conectam planos distintos. Um envolvimento que não cria um todo, fechado, mas uma

²⁹ Deleuze; Guattari, *Mil Platôs*.

³⁰ Deleuze; Guattari, *Mil Platôs*.

espécie de envoltura aberta, um *envolvimento do fora*. Uma dobra ecosófica do fora, aberta, mas que cria um plano à interconexão e coexistência de diversas materialidades.

Aliás, é esse o caráter e o sentido que nos referimos a um conceito de envolvimento: algo que não é genérico e necessariamente espontâneo, mas ao contrário, atua numa dinâmica que seleciona conexões desconexas. Segundo Melo, Soriano-Sierra e Veado:

Esta dinâmica é imposta pela variação das marés, das correntes marítimas e do fluxo fluvial, e ocorre diariamente (marés), ou sazonalmente, de acordo com as condições climáticas ao longo do ano, que definem diferentes condições atmosféricas. Por exemplo, em estações mais chuvosas, há um aumento no fluxo dos rios, o que aumenta o aporte de água doce e de sedimentos, em direção às desembocaduras dos rios, elevando o fluxo de matéria e energia que entra no manguezal. A dinâmica atmosférica pode originar eventos meteorológicos causadores de ventos fortes (furacões ou ciclones/anticiclones), os quais transferem sua energia ao oceano. Esta chega aos litorais em forma de ondas de tempestade (furacões) ou de ressacas marinhas, tão comuns nos litorais do Sul e Sudeste do Brasil. Além desta dinâmica de curto prazo, os manguezais lidam com mudanças climáticas, decorrentes das alternâncias de períodos glaciais e interglaciais (AB'SABER, 1977). Estas mudanças de longo prazo provocam alterações nos elementos do clima (temperatura e precipitação), na circulação oceânica (correntes marítimas) e no nível do mar transgressão (aumento do nível do mar, quando o clima esquenta) e da regressão (diminuição do nível do mar, em períodos frios). No caso das correntes marítimas, as de origem extratropical (correntes frias) ficam mais fortes em períodos glaciais, enquanto as correntes quentes são fortalecidas nos períodos interglaciais. O manguezal acompanha estas alternâncias climáticas, expandindo-se ou retraindo-se latitudinalmente, conforme o clima se torna mais quente ou mais frio, e seguindo a linha da costa, de acordo com o aumento ou diminuição do nível do mar.³¹

As águas das marés se diferenciam junto dos ciclos da Lua, numa relação de co-interferência e produção recorrente. Há a incidência de distintos graus de força que remetem também à própria ação da humanidade, e que confluem com a pluviosidade de outras dimensões que afetam a salinidade das águas, das espécies animais, vegetais, bacterianas, fúngicas, a um tipo de percurso dos rios até os estuários, que não são lineares. Há curvas, desvios, dobras que retém mais ou menos sedimentos importantes num processo extremamente complexo que interliga linhas descontínuas. O princípio do envolvimento diz respeito às Três Ecologias de Félix Guattari e que atua como uma intensiva energia que cria e renova forças,³² cineticamente, e comunica essa interação energética cosmologicamente, ou seja, materializando seu quantum junto a uma conexão caosmótica.³³ Há, assim, uma complexa composição em dimensão de ecossistema, que interliga diversas ecologias e microsferas, planos de composição transversais. Diríamos

³¹ Melo; Soriano-Sierra; Veado, *Biogeografia dos Manguezais*, p. 313.

³² Guattari, *As três ecologias*.

³³ Félix Guattari apresentou em 1992 uma proposta: a *caosmose*. Diz respeito a um paradigma estético, ou melhor, ecosófico: a transversalidade política entre campos, dimensões, produções e conceitos, da qual envolve uma intensa relação estética que não se limita a um campo específico em si. É nesse sentido que a relação transversal, dialogando e conectando versos e linhas em trânsito, em intercruzamento, tem a ver com uma compreensão encruzilhada – pontos em velocidade que cruzam, uma confrontação de estados heterogêneos, bem como a possibilidade de cartografar seus movimentos, suas linhas. “É o caso, aqui, de um infinito de entidades virtuais infinitamente rico de possível, infinitamente enriquecível a partir de processos criadores.” (Guattari, *Chaosmose*, p. 156).

que o mangue é a relação de envolvimento em estado de intermediação intensiva, uma hinterlândia capaz de comunicar fertilidade entre dimensões e cosmovisões,³⁴ ecossistemas de imanência. Esse envolvimento é um princípio ecológico e, portanto: ético, estético e político.

8- Princípio da produção de vida: Conjecturamos um oitavo princípio do mangue como um rizoma superior – o da *produção de vida*, que se dá de diversas formas. Primeiro, entre aspectos genuinamente singulares do mangue, há sua autogestão que conta com um mecanismo conhecido na biologia como viviparidade: um processo reprodutivo onde as sementes germinam na própria árvore-mãe antes de caírem, que, depois, se dispersa caindo de suas folhas, pelos ventos e nas correntes das marés – espalhando-se em seu meio aparentemente desfavorável. Nesse sentido, a partir da vegetação, da fauna, da flora, de sua composição de floresta, dos microorganismos de meio marinho e terrestre, que se compõe e se decompõe num encontro de águas e forças que permeiam os mangues, é que Vannucci (2002) exalta a “dádiva das marés”.³⁵ A autora, aliás, afirma, segundo Varela:

Descrever uma típica floresta de mangue é quase impossível, pois a variedade de espécies é quase tão grande quanto o número de florestas, com partes da mesma floresta diferindo entre si. A estrutura e a composição de espécies da floresta de mangues variam em função de fatores geofísicos, geográficos, geológicos, hidrográficos, climáticos e edáficos, da história do passado recente do local e das atividades humanas. Daí afirmar que cada manguezal é único e que sua respectiva floresta apresenta valor limitado, uma vez que todas são específicas e não se aplicam a outras áreas em que a história ecológica e as condições atuais, assim como a composição específica, diferem.³⁶

Esse processo de viviparidade não é restrito ou especial da vegetação dos mangues, mas se alia e, dessa forma, envolve outros processos produtivos imanentes, que apesar de relacionarem um ambiente, ampliam a intensidade com que embriões produzidos num meio singular como os estuários. Nesse sentido, os complexos fluxos de água dos rios, as correntes de ventos, trazem junto de suas águas e dos oceanos materiais orgânicos advindos de outros ecossistemas e ambientes, de outros lugares, de vidas que não fazem parte do mangue em si. Há, portanto, uma correlação de forças de auto cultivo intensivo.

É desse princípio ecológico de envolvimento que observamos um segundo princípio de vida, o de reciclagem. Um princípio de vida que acontece num meio que produz, reproduz e recicla material orgânico. Morte, putrefação, que resulta em produção de novas vidas. O mangue é meio poroso, fúngico-bacteriano, sistema de putrefação. Mistura a vida, a morte, a putrefação em si, numa *proliferação inventiva desejante*,³⁷ misturando matéria orgânica que é retida na inundação das águas salgadas que chegam pelos oceanos, em diferentes taxas e variações de sedimentos. É uma inundação de ordem regional e, sobretudo, planetária, gravitacional, que transpõe a envoltura do fora da articulação de suas relações. Nas mudanças das marés, no vai e vem das águas que encharcam a vegetação e permeiam a lama, há um trânsito de vida em mutabilidade, em

³⁴ Deleuze e Guattari utilizam o termo hinterlândia como uma espécie de território intersticial, entre-terras, um território de fronteira que constitui um outro território. (Deleuze; Guattari, *O que é a Filosofia?*).

³⁵ Vannucci, *Os manguezais e nós*.

³⁶ Varela, “Uma dádiva das marés”, p. 122.

³⁷ Barembliitt, *Esquizodrama*.

devir. O sol gera energia ao mangue, afeta sua temperatura, prolifera sua relação, mesmo que sua vegetação se interligue por um baixo índice de oxigênio encontrado no solo mole e em constante decomposição. Sua relação de decomposição e reciclagem do solo estabelece um plano simbiótico de multiplicidade, e além, uma transubstanciação, uma transformação da substância. Eis uma compostagem que se estratifica em solo,³⁸ solo que se desestratifica em composteira, composteira que intensifica estratos, substratos e sopas, intensificando a multiplicidade do agenciamento maquínico, do grau da relação dupla-pinça: a dobra é quadruplicada, em velocidade, conteúdo, expressão e substância. Em força e imensidão geológica.³⁹

O mangue, portanto, se dobra incessantemente em escala de ecossistema. Decompõe e absorve materiais orgânicos, nutrientes que operam trocas químico-gasosas e realizam a composição de vida a partir da degradação material, pela aeração de seu solo, sua lama. Há, por exemplo, uma bactéria encontrada no mangue (*Methylopila oligotropha*) que produz matéria prima para a produção de plástico biodegradável.⁴⁰ Além disso, segundo recente estudo de Bernardino *et al.*,⁴¹ os manguezais do Brasil apresentam um potencial, ainda inexplorado, de mitigação climática. Isso se deve à sua capacidade de sequestrar cerca de 468,3 toneladas de carbono por hectare – o que é aproximadamente três a vinte vezes maior que outros biomas brasileiros. Em termos de comparação, cada hectare de manguezal na região amazônica retém mais do dobro do carbono sequestrado pela Floresta Amazônica. Esse enorme potencial reforça um princípio de reciclagem, que interfere nos demais princípios numa espécie de restauração germinativa dos fluxos de forças e das relações dos planos conectados.

3. Conclusão

Neste artigo buscamos repensar os 6 princípios do rizoma estipulados por Deleuze e Guattari a partir de uma figura mais presente em nosso cotidiano e território brasileiro: o mangue. Nossa reflexão foi a de tentar atualizar o potencial pragmático da esquizoanálise, em que possamos sempre agenciar seus conceitos aos contextos em que vivemos. Assim, sair do movimento eurocolonizatório, sobretudo em termos de percepção e referencial territorial de apenas reproduzir o que os pensadores europeus criaram, para um movimento contracolonial de agenciar tais conceitos às nossas realidades, esboçando outras enunciações. Os manguezais que, por exemplo, servem de referencial estético à musicalidade de movimentos populares, como o manguebeat podem também,⁴² a partir de uma caosmose, oferecer esse sentido estético metodológico e junto a um horizonte ecosófico de resistência, aliando referenciais e, digamos, transversalizando e “abrasileirando” o conceito rizomático – atualizando, portanto, de modo a entender como, por exemplo, podemos e possamos falar em “fazer rizoma”, e sobretudo “fazer mangue”: manguear, manguezar.

³⁸ Para essa discussão de compostagem nos inspiramos também nas reflexões sobre a *Artecompostagem* realizadas pelo artista e pensador Rodrigo Reis Rodrigues.

³⁹ Deleuze; Guattari, *Mil Platôs*.

⁴⁰ Silva, *Produção de copolímeros do tipo P(3HB-co-3HV) por Methylopila oligotropha (cepa MCSUBH) isolada do manguezal de Cubatão-SP*.

⁴¹ Bernardino *et al.*, *The inclusion of Amazon mangroves in Brazil's REDD+ program*.

⁴² Leão do Ó, *A maravilha mutante*; Oliveira Jr.; Hur, *Cartografias do movimento mangue*.

Consideramos que o mangue é uma figura mais interessante que o gengibre para trabalhar a lógica do rizoma, das multiplicidades. Ao invés de um tubérculo, pudemos refletir sobre todo um plano de um ecossistema que é a ética em expressão, princípio ecológico de ligação, regulação, conexão, atualização, virtualização, enfim, de realização, estruturação, desestruturação de estratos. O mangue transborda linhas de fuga, se territorializando e desterritorializando, ou melhor: é um meio associado, transporta a si mesmo, em sopa, caldo, por uma *geologia da moral*, amplificando ressonâncias e um certo pensamento e/ou dramatização da terra, algo que chamaríamos aqui de "ecodrama" – a terra enquanto um *corpo sem órgãos*, enquanto estrato molar, sedimentação molecular, pura linha de expressão – transdução do devir.⁴³ Dessa forma, pensar o mangue como um rizoma superior resulta na adição de mais dois princípios para a lógica rizomática. Além dos princípios de conexão, heterogeneidade, multiplicidade, ruptura a-significante, cartografia e decalcomania, mas também outros dois que elaboramos e propomos: os princípios da envoltura do fora e da produção de vida. O sétimo tipo implica numa dobra ecológica aberta, que gera um envolvimento de uma zona de trocas do real, como plano de consistência que envolve e conecta substratos e ramificações, a dobra do fora. Já o oitavo princípio adiciona como o mangue não é apenas essa zona de hinterlândia, mas também de produção de vida, seja pelos processos de viviparidade, como também de reciclagem, que parte da morte, da putrefação, decomposição, mas que vai gerar esse caldeirão de novas vidas, num *devir-vida*. Sua complexa sutileza de linhas compõe aquilo que podemos considerar o estalar de movimentos da vida e dos corpos: a produção de diferença, a singularidade. A partir de tal perspectiva reforçamos sua compreensão ecológica, entendendo-o enquanto relação ambiental, em meio a modos de relação que compõem relações, (de)composições, movimentos relacionais de forças, de energia, de morte e vida.

Para finalizar, consideramos que as múltiplas conexões do mangue nos levam a uma espécie de encruzilhada ética, estética, política: a ética como a terra de valores que produzem e reproduzem afetos, linhas de forças materiais e imateriais; a estética como afirmação de uma ética, ou seja, capacidade de intervir na terra e criar meios de vida; e a política como a atmosfera que permeia a terra, o ar que fomenta o corpo em terra, a respiração – suas condições de troca para a invenção de outros mundos possíveis.

⁴³ Deleuze; Guattari, *Mil Platôs*.

Referências

- BAREMBLITT, Gregorio. *Esquizodrama: 10 proposições descartáveis*. Belo Horizonte: Instituto Gregorio Baremlitt, 2019.
- BERNARDINO, Angelo F. et al. The inclusion of Amazon mangroves in Brazil's REDD+ program. *Nature Communications*, v. 15, n. 1549, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1038/s41467-024-45459-w>.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*, v. 1. São Paulo: 34, 1996. Trabalho original publicado em 1980.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a Filosofia?*. São Paulo: 34, 1992. Trabalho original publicado em 1991.
- DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos*. São Paulo: Escuta, 1998.
- DELEUZE, Gilles. *A Lógica do sentido*. São Paulo: Perspectiva, 2003. Trabalho original publicado em 1969.
- DELEUZE, Gilles. *Diferença e Repetição*. São Paulo: Brasiliense, 2006. Trabalho original publicado em 1968.
- DELEUZE, Gilles. *O bergsonismo*. São Paulo: 34, 1999. Trabalho original publicado em 1966.
- DONHAUSER, Lucas; BONAMIGO, Irme S. Cartografando a pesquisa bibliográfica: tessitura de um método interventivo e participativo. In: QUADROS, Laura C. T.; MORAES, Marcia O.; BONAMIGO, Irme S. (org.). *Pensar, Fazer e escrever: o PesquisadorCOM como política de pesquisa em Psicologia*. Chapecó: Argos, 2019. pp. 75-104.
- FOUCAULT, Michel; DELEUZE, Gilles. Os intelectuais e o poder: Conversa entre Michel Foucault e Gilles Deleuze. In: FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979. pp. 69-78. Trabalho original publicado em 1972.
- GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis, Vozes, 1986.
- GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. Campinas: Papyrus, 1991. Trabalho original publicado em 1989.
- GUATTARI, Félix. *Chaosmose*. Paris: Galilée, 1992.
- HUR, Domenico U. Cartografia das intensidades: pesquisa e método em esquizoanálise. *Práxis Educacional*, Vitória da Conquista, v. 17, n. 46, pp. 1-18, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.22481/praxisedu.v17i46.8392>. Acesso em: 7 out. 2024.
- HUR, Domenico U. *Esquizoanálise e Esquizodrama: clínica e política*. Campinas: Alínea, 2022.
- HUR, Domenico U. Poder e potência em Deleuze: forças e resistência. *Mnemosine*, [S. l.], v. 12, n. 1, pp. 210-232, 2016. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/mnemosine/article/view/41669>. Acesso em: 8 jun. 2024.

HUR, Domenico U. *Psicologia, Política e Esquizoanálise*. Campinas: Alínea, 2018.

KAËS, René. Soixante Huit: effet d'après-coup et travail de la négativité: Situation de la chose psychosocial. *Connexions: Psychosociologie – Sciences Humaines*, Ramonville Saint-Agne: Érès, n. 29, pp. 39-49, 1980.

LEÃO DO Ó, Ana Carolina Carneiro. *A maravilha mutante: batuque, sampler e pop no Recife dos anos 90*. 2002. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2002.

LEMOS JÚNIOR, Hernani Pinto de.; LEMOS, André Luís Alves de. Gengibre. *Revista Diagnóstico e Tratamento*, São Paulo, v. 15, n. 4, pp. 174-178, 2010.

MACHADO, Roberto. *Impressões de Michel Foucault*. São Paulo: n-1, 2017.

MELO, Anderson T.; SORIANO-SIERRA, Eduardo J.; VEADO, Ricardo W. V.. Biogeografia dos Manguezais. *GEOGRAFIA*, Rio Claro, v. 36, n. 2, pp. 311-334, 2011. Disponível em <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/ageteo/article/view/5130>. Acesso em 31 mar. 2024.

OLIVEIRA JR., Homero Pereira de; HUR, Domenico U. Cartografias do movimento mangue: antropofagia e a pragmática do sample. *Revista Linha Mestra*, [S. l.], v. 18, n. 52, pp. 387-404, jan./abr. 2024. Disponível em <https://www.lm.alb.org.br/index.php/lm/article/view/1471>. Acesso em 31 mar. 2024.

OLIVEIRA JR., Homero Pereira de. *Esquizoanálise de corporeidades brasileiras: cartografias corporais em movimento-mangue*. 2023. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2023. Disponível em: <http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/12784>. Acesso em 31 mar. 2024.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virginia; ESCÓSSIA, Liliana (org.). *Pistas do método da cartografia*. Porto Alegre: Sulina, 2010.

PINHEIRO, Karina. Conheça os manguezais da Amazônia. O maior cinturão de manguezais do mundo. *Portal Amazônia*, Manaus, 16 dez. 2021. Disponível em: <https://portalamazonia.com/amazonia/conheca-os-manguezais-da-amazonia-o-maior-cinturao-de-manguezais-do-mundo>. Acesso em 31 mar. 2024.

RODRIGUES, Heliana de B. C. *Ensaio sobre Michel Foucault no Brasil: presença, efeitos, ressonâncias*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2016.

SCHAEFFER-NOVELLI, Yara (coord.). *Manguezal: ecossistema entre a Terra e o Mar*. São Paulo: Caribbean Ecological Research, 1995.

SILVA, Esther C. N. da. *Produção de copolímeros do tipo P(3HB-co-3HV) por Methylopila oligotropha (cepa MCSUBH) isolada do manguezal de Cubatão-SP*. 2021. Dissertação (Mestrado em Biotecnologia) – Biotecnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/D.87.2021.tde-01112023-103040>.

VANNUCCI, Marta. *Os manguezais e nós: uma síntese de percepções*. São Paulo: Edusp, 2002.

VARELA, Alex G. "Uma dádiva das marés": os estudos sobre manguezais da cientista Marta Vannuci em sua trajetória internacional, 1969-1989. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 27, n. 1, pp. 115-132, jan. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-59702020000100007>. Acesso em 07 out. 2024.

SOBRE OS AUTORES

Homero Pereira de Oliveira Junior

Psicólogo pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), e mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Psicoterapeuta e professor universitário, trabalha com a perspectiva teórica-metodológica da Esquizoanálise e o Esquizodrama. *E-mail:* homerojrr@hotmail.com; homerojrr@gmail.com.

Domenico Uhng Hur

Professor da UFG. Psicólogo, mestre e doutor em Psicologia Social pela USP, com estágio doutoral na Universitat Autònoma de Barcelona e pós-doutorado na Universidade de Santiago de Compostela (USC- Espanha). Membro do Instituto Gregorio Barendblitt. *E-mail:* domenico@ufg.br.